

Francisco Cândido Xavier

Renúncia

HISTÓRIA REAL. SÉCULO DE LUÍS XIV, EM FRANÇA, ESPANHA,
IRLANDA E AMÉRICAS. HEROÍSMO E MARTÍRIO DE ALCÍONE

Ditado pelo Espírito
Emmanuel



Sumário

<i>Velhas recordações</i>	7
---------------------------------	---

PRIMEIRA PARTE

I - Sacrifícios do amor	13
II - Anseios da mocidade	31
III - A caminho da América.....	69
IV - A varíola	91
V - Na infância de Alcíone	131
VI - Novos rumos.....	155
VII - Caminhos de luta	173

SEGUNDA PARTE

I - O padre Carlos	195
II - Novamente em Paris.....	223
III - Testemunhos de fé.....	257
IV - Reencontro	277
V - Provas redentoras.....	317
VI - Solidão amarga.....	333
VII - A despedida	351



Velhas recordações

Quem poderá deter as velhas recordações que iluminam os caminhos da eternidade?

Lembramo-nos de Alcíone, desde os dias de sua infância. Muitas vezes a vi, com o padre Damiano, num velho adro de Espanha, passeando ao pôr do sol.

Não raro, levantava o semblante infantil para o céu e perguntava atenciosa:

— Padre Damiano, quem terá feito as nuvens, que parecem flores grandes e pesadas, que nunca chegam a cair no chão?

— Deus, minha filha — dizia o sacerdote.

Como se no coração pequenino não devesse existir esquecimento das coisas simples e humildes, voltava ela a interrogar:

— E as pedras? Quem teria criado as pedras que seguram o chão?

— Foi Deus também.

Então, após meditar de olhos mergulhados no grande crepúsculo, a pequenina exclamava:

— Ah! como Deus é bom! Ninguém ficou esquecido!

E era de ver-se a sua bondade singular, o interesse pelo dever cumprido, dedicação à verdade e ao bem.

Cedo compreendi que a família afetuosa de Ávila se constituía de amizades vigorosas, cujas origens se perdiam no tempo.

Os anos — minutos do relógio da eternidade — correram sempre movimentados e cheios de amor. A criança de outros tempos tornara-se a benfeitora

cheia de sabedoria. Sua vida não representava um feixe de atos comuns, mas um testemunho permanente de sacrifícios santificantes. Desde a primeira juventude, Alcione transformara-se em centro de afeições, em fonte de luz viva, em que se podiam vislumbrar as claridades augustas do Céu. Sua conduta, na alegria e na dor, na facilidade e no obstáculo, era um ensinamento generoso, em todas as circunstâncias.

Creio mesmo que ela nunca satisfez a um desejo próprio, mas nunca foi encontrada em desatenção aos desígnios de Deus. Jamais a vi preocupada com a felicidade pessoal; entretanto, interessava-se com ardor pela paz e pelo bem de todos. Demonstrava cuidado singular em subtrair, aos olhos alheios, seus gestos de perfeição espiritual, porém queria sempre revelar as ideias nobres de quantos a rodeavam, a fim de os ver amados, otimistas, felizes.

Minhas experiências rolaram devagarinho para os arcanos do Tempo, a morte do corpo arrastou-me a novos caminhos e, no entanto, jamais pude esquecer a meiga figura de anjo, em trânsito pela Terra.

Mais tarde, pude beijar-lhe os pés e compreender-lhe a história divina. O resultado desse conhecimento vibra neste esforço singelo, que não tem pretensões a obra literária.

Este é um livro de sentimento, para quem aprecie a experiência humana por meio do coração. Em particular, falará a todos os que se encontrem encarcerados, sentenciados, esquecidos daquele amor que cobre a multidão dos pecados, consoante os ensinamentos de Jesus. A maioria dos aprendizes do Evangelho deixa-se tomar, em sentido absoluto, pelas ideias de resgate escabroso, de olho por olho, ou, então, pela preocupação de recompensas na Terra ou no Céu. Aqui, comentam-se reencarnações criminosas; ali, esperam-se tão só prantos amargos; além, existem corações anelantes de remansado e ocioso pousio. A esperança e a responsabilidade parecem tesouros esquecidos. É razoável que se não possa negar o caráter incorruptível da Justiça; porém, não se deverá esquecer o otimismo, a confiança, a dedicação e todas as energias que o amor procura despertar no âmago das consciências.

Para as almas sinceras, que ainda solucem nos laços do desânimo e desalento, a história de Alcione é um bálsamo reconfortador. Naturalmente que ela própria, qual amorosa visão da Espiritualidade eterna, emergirá das páginas luminosas da sua experiência, perguntando ao leitor que se sinta oprimido e exausto:

— Por que reténs a noção dos castigos implacáveis, quando Nosso Pai nos oferece o manancial inexaurível do seu amor? Por que atribuis tamanha

Renúncia

importância ao sofrimento? Levanta-te! Esqueceste Jesus? Já que o Mestre padeceu por todos, sem culpa, onde estás que não sentes prazer em trabalhar, de qualquer forma, por amor ao seu nome?

A psicologia de Alcíone é bem mais complexa do que se possa imaginar ao primeiro exame. Na grandeza da sua dedicação, vemos o amor renunciando à glória da luz, a fim de se mergulhar no mundo da morte. Com seu gesto divino, a Terra não é apenas um lugar de expiação destinado a exílio amarguroso, mas também uma escola sublime, digna de ser visitada pelos gênios celestes. Dentro dos horizontes do planeta, ainda vigem a sombra, a morte, a lágrima... Isso é incontestável. Mas quem seguir nas estradas que Alcíone trilhou converterá todo esse patrimônio em tesouros opimos para a vida imortal.

Aqui, pois, oferecemos-te, leitor amigo, tão velhas recordações.

Crê, no entanto, que, por velhas, não são menos preciosas. São heranças sagradas do escrínio do coração, joias de subido valor que espalharemos a esmo, recordando que, se muita gente presume haver alcançado os êxitos retumbantes e a felicidade ilusória no campo vasto do mundo, em verdade ainda não aprendeu nem mesmo a estabelecer a vitória da paz, na experiência sagrada que se verifica entre as paredes de um lar.

Emmanuel

Pedro Leopoldo (MG), 11 de janeiro de 1942.



PRIMEIRA PARTE



I

Sacrifícios do amor

A paisagem era formada de sombras, numa região indefinível na linguagem humana. Substâncias diferentes das que compõem o solo terrestre constituíam a sua crosta sulcada de caminhos tortuosos entre arbustos mirrados, à semelhança dos cactos próprios das zonas áridas. Os horizontes perdiam-se ao longe, nas linhas escuras do quadro melancólico, como se aquela hora assinalasse pesado crepúsculo.

Fazia frio, agravado pelas rajadas fortes do vento úmido, que soprava rijo, deixando no espaço vaga expressão de doloroso lamento. O lugar dava a impressão de triste país de exílio, destinado a criminosos condenados a penas ingratas.

Entretanto, ouviam-se vozes que a ventania quase abafava, como de prisioneiros cheios de expectativa e de esperança.

Em singular e sombrio recôncavo, pequeno grupo de Espíritos culposos comentava largos projetos de atividades futuras. Suas túnicas exóticas e grandes capuzes pareciam identificá-los como estranhos ministros de um culto ignorado na Terra. Alguns se revelavam inquietos, taciturnos, outros deixavam transparecer nos olhos enorme desalento.

— Agora — dizia um que evidenciava posição de relevo — necessitamos renovar ideais, imprimir novo impulso à nossa volição enfraquecida.

O passado vai longe e faz-se imprescindível arregimentar todas as forças para as lutas que vêm perto. A providência misericordiosa do Todo-Poderoso nos concede ensanchas¹ de novas experiências na Terra. Meditemos em nossas quedas dolorosas no redemoinho das paixões do mundo e firmemo-nos nos santos propósitos de triunfo. Quantos anos temos perdido em amaríssimos sofrimentos, no plano dos remorsos devastadores?... Recordemos as angústias da via expiatória e agradeçamos a Deus o ensejo de voltar às tarefas purificadoras. Esqueçamos a vaidade que nos envileceu o coração; a ambição e o egoísmo que nos torturam a alma ingrata, e preparemo-nos para as experiências justas e necessárias.

A voz do locutor, porém, embargava-se afogada em lágrimas. A lembrança dolorosa do passado empolgava o grupo de antigos sacerdotes desviados do nobre caminho que o Senhor lhes havia traçado.

Iniciara-se a troca de impressões entre todos. Alguns expunham dificuldades íntimas, outros comentavam a intenção de trabalhar devotadamente até a vitória.

— O que mais me impressiona — proclamava um companheiro — é o fantasma do esquecimento que nos obscurece o espírito lá na Terra. Antes da experiência, arquitetamos mil projetos de esforço, dedicação, perseverança; somos nababos de preciosas intenções, mas, chegado o momento de as executar, revelamos as mesmas fraquezas ou incidimos nas mesmas faltas que nos compeliram aos desfiladeiros do crime e das reparações acerbadas.

— Mas onde estaria o mérito — explicava o amigo a quem eram dirigidas aquelas observações — se o Criador não nos felicitasse com esse olvido temporário? Quem poderia aguardar o êxito desejável, defrontando velhos inimigos, sem o bálsamo dessa bênção celestial sobre a chaga da lembrança? Sem a paz do esquecimento transitório, talvez a Terra deixasse de ser escola abençoada para ser ninho abominável de ódios perpétuos.

— Entretanto — objetava o interlocutor —, semelhante situação me atemoriza. Sinto enorme angústia só em pensar que perderei novamente a memória, que ficarei quase inconsciente de meu patrimônio espiritual, ao palmilhar as estradas terrestres, qual enterrado vivo a quem fosse subtraída a faculdade de respirar.

¹ N.E.: oportunidades.

— Mas como aprenderias a humildade com as reminiscências ativas do orgulho? Poderias, acaso, beijar um filho, sentindo nele a presença de um inimigo figadal? Conseguirias, de pronto, a força precisa para santificar, pelos elos conjugais, a mulher que manchaste noutros tempos, induzindo-a ao meretrício e às aventuras infames? Não percebes no olvido terrestre uma das mais poderosas manifestações da bondade divina para com as criaturas criminosas e transviadas? Concordo em que a experiência humana, para quem observou, mesmo de longe, como aconteceu a nós outros, as resplendências da vida espiritual, significa, de fato, a reparação laboriosa no seio de um sepulcro; mas nós, meu caro Menandro, estamos desde há muito mumificados no crime. Nossa consciência necessita do toque das expiações salvadoras. A morte mais terrível é a da queda, mas a Terra nos oferece a medicação justa, proporcionando-nos a santa possibilidade de nos reerguermos. Renascemos em suas formas perecíveis e, em cada dia da experiência humana, morreremos um pouco, até que tenhamos eliminado, com o auxílio da poeira do mundo, os monstros infernais que habitam em nós mesmos...

O amigo pareceu meditar aqueles conceitos profundos e, dando a entender que se convencera, interrogou com atenção, encaminhando a palestra para outros rumos:

— Quando se verificará nossa localização definitiva nos fluidos terrestres, com vistas à nova experiência?

— A qualquer momento. Como sabes, muitos dos nossos já partiram. Os benfeitores de nosso destino, que advogaram a concessão de novas oportunidades ao nosso esforço remissor, já nos enviaram a mensagem derradeira, desejando-nos realizações felizes nos trabalhos futuros.

Nesse instante, sucedeu qualquer coisa que o grupo de almas sofredoras e esperançosas não conseguiu perceber. Uma forma luminosa descia do plano constelado, semelhante a uma estrela desprendida do imenso colar dos astros da noite, que agora se caracterizava pela sombra mais envolvente e profunda. Quase ao tocar no centro da paisagem escura, tomou a forma humana, embora não se lhe pudesse determinar os traços fisionômicos, tal a sua auréola de ofuscante esplendor. No entanto, como acontece no círculo das impressões humanas condicionadas às necessidades de cada criatura, nenhum dos circunstantes lhe registrou, de maneira absoluta, a presença generosa, senão mediante uma íntima alegria, permeada de santas esperanças.